

OS ARQUIVOS PESSOAIS DE JERÔNIMO VINGT-UN ROSADO MAIA E A ESCRITA DE SI

Paula Rejane Fernandes*

Jerônimo Vingt-un Rosado Maia era o vigésimo primeiro e último filho de Jerônimo Ribeiro Rosado, farmacêutico procedente da cidade de Catolé Rocha – PB que chegou a Mossoró – RN, no ano de 1890, para instalar uma farmácia juntamente com Dr. Almeida Castro. Nesse período, a cidade era uma praça comercial em crescimento e mantinha trocas comerciais com as praças do Ceará e da Paraíba. Mesmo sendo um forasteiro, Rosado consegue inserir-se dentro da sociedade e da política local, chegando a ser presidente da Intendência Municipal no período de 1917 a 1919. Destacou-se na cidade por seu gosto pela ciência, por seu modo peculiar de vestir-se, e por nomear seus filhos com números em latim ou francês correspondentes à ordem do seu nascimento. Por isso, a geração de seus filhos ficou sendo conhecida como “os numerados”. Tal geração, segundo Felipe (2001), recebeu do velho Jerônimo a missão de trabalhar pelo crescimento de Mossoró. Um deles, Dix-sept Rosado, levou esta tarefa a um ponto máximo, tornando-se Prefeito do município em 1948 e assumindo o posto de chefe familiar e local, passando a atribuir funções aos irmãos visando cumprir o sonho de seu pai. Segundo Felipe, isso era uma estratégia política e simbólica para ampliar o poder da família Rosado.

Ainda segundo Felipe, como parte da divisão de tarefas, coube ao irmão caçula Jerônimo Vingt-un Rosado Maia ocupar-se com as questões envolvendo a cultura da cidade e com a elaboração da história escrita da mesma. Assim, analogamente ao IHGB, que criou uma história escrita para o Brasil Império, Vingt-un por meio da Coleção Mossoroense¹ elaborou a história da cidade de Mossoró produzindo para a mesma uma memória coletiva construtora de uma identidade local pautada nas ideias de coragem, pioneirismo, valentia. Nesse exercício de produção de uma historiografia a respeito de Mossoró, acabou realizando dois movimentos: o primeiro foi o de criar para sua família um lugar de destaque dentro da história da cidade; e o segundo foi o de criar para si o lugar de intelectual sempre disposto a lutar pela cultura de sua cidade natal.

O desejo de investigar como Vingt-un Rosado produziu para si a imagem de intelectual nos levou a elaborar o projeto de pesquisa de doutorado intitulado “A escrita de si do intelectual Jerônimo Vingt-un Rosado Maia: arquivos pessoais e relações de poder na

* Doutoranda em História no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Espírito Santo. Bolsista Capes. Email: paulafdes@yahoo.com.br

cidade de Mossoró (RN) – 1920-2005”. Nosso objetivo principal nesse projeto tem sido investigar como Vingt-un Rosado produziu por meio de sua escrita, uma memória para a cidade de Mossoró estando esta relacionada à sua escrita de si como intelectual. Para respondermos a esse objetivo levantamos a hipótese, que verificaremos ao longo da pesquisa, de que Vingt-un Rosado fez uso da Coleção Mossoroense, da Escola Superior de Agricultura de Mossoró (ESAM), e do Jornal O Mossoroense como espaços de circulação de ideias suas e de autores locais que discutiam a história da cidade e outros temas para produzir uma memória coletiva para a mesma. Uma identidade de cidade pioneira, corajosa, libertadora, apta a ser apropriada por seus habitantes. Concomitantemente, construiu para si a representação de intelectual preocupado com o desenvolvimento de Mossoró e possuidor de projeto de modernização para a mesma relacionado à construção de Biblioteca, Museu, e da ESAM.

Pensamos o conceito de intelectual a partir de Sirinelli (1996). Segundo ele, há uma dificuldade em torno da definição do sentido da palavra intelectual. Diante dessa dificuldade, Sirinelli não traz a solução, mas propõe uma delimitação do problema em torno de duas possíveis definições para a palavra intelectual. A primeira é numa perspectiva sociocultural, nela o autor entende como sendo intelectuais os criadores e/ou mediadores culturais, como exemplo, os jornalistas, escritores e professores. A segunda definição é baseada no engajamento social, nesse sentido, o intelectual é entendido como ator social que assume um ponto de destaque e intervenção na sua sociedade. As duas definições não devem ser pensadas como sendo separadas, já que a primeira ajuda a legitimar a segunda, pois as duas, segundo o autor, são elementos socioculturais. É o saber que o indivíduo domina que faz com que seja reconhecido por seus pares e permite a ele o direito de intervir na sociedade. Deste modo, as duas significações devem ser pensadas imbricadas.

É justamente a partir dessa definição de Sirinelli que estamos investigando Jerônimo Vingt-un Rosado Maia. Intelectual mossoroense que compilou e fez publicar diversos documentos sobre a cidade de Mossoró por meio da Coleção Mossoroense. Além disso, publicou livros sobre a seca; sobre a história de Mossoró, sendo alguns destes de sua autoria. Através desse seu exercício de editoração e publicação elaborou representações sobre a cidade, sobre si mesmo e sobre sua família, os Rosado. Por meio de sua escrita fez a cidade espelho de si mesmo no qual refletia suas ideias, seu nome; ao mesmo tempo que se fez espelho da cidade uma vez que era visto como sendo o guardião da cultura e da memória mossoroense.



A partir das representações criadas por Vingt-un Rosado, em suas obras, pesquisadores e historiadores produziram e produzem outras representações a respeito de Mossoró. Por meio desse processo atribuiu sentidos a cidade; ao seu lugar dentro do campo social, familiar e político; à sua família. Segundo Sandra Jatahy Pesavento, a representação não é mimese do real, mas dá sentido ao mesmo.

As representações construídas sobre o mundo não só se colocam no lugar deste mundo, como fazem com que os homens percebam a realidade e pautem a sua existência. São matrizes geradoras de condutas e práticas sociais, dotadas de força integradora e coesiva, bem como explicativa do real. Indivíduos e grupos dão sentido ao mundo por meio das representações que constroem sobre a realidade. (PESAVENTO, 2005, p. 39)

Além do conceito de representação, utilizamos em nossa pesquisa o conceito de apropriação para entendermos como Jerônimo Vingt-un Rosado Maia apropriava-se dos livros lidos para compor sua ideia de cultura, modernidade, educação. Segundo Roger Chartier (1990), a leitura é um processo ativo no qual o leitor se apropria do que lê e faz uso do mesmo de acordo com seus interesses. Somado aos livros, é importante investigar como se apropria das fontes históricas em suas pesquisas, assim poderemos levantar inferências a respeito de como entendia a história e o fazer do historiador; e como se apropriava das cartas recebidas, sejam elas enviadas por amigos íntimos ou por instituições, para criar para si a imagem de intelectual a serviço de Mossoró.

É importante destacar que Vingt-un Rosado enquanto intelectual pensava e escrevia a partir de um lugar e é este lugar que legitimava a sua fala e a sua escrita. Entendemos lugar a partir de um diálogo entre Michel de Certeau (2007) e Pierre Bourdieu (2002). Para Certeau, não há considerações ou leituras capazes de suprimir a particularidade do lugar de onde se fala e do domínio em que se realiza a investigação. Pois, o intelectual não produz em um lugar isolado e a salvo dos ruídos externos, sem contato com questões de ordem social, econômica e/ou cultural; produz dentro da sociedade e interagindo com as questões e imposições fornecida por ela. Questões e imposições produzidas pela lei do lugar que orienta o que pode ser dito (pesquisado) ou não. Pensar o intelectual como produzindo a partir de um lugar auxilia a retirar dele a ideia de genialidade e o coloca como homem do seu tempo e do seu grupo social.

Deste modo, para entender o papel de Vingt-un como intelectual é importante inseri-lo dentro do seu grupo social e familiar, pois, de acordo com Pierre Bourdieu, a relação que o autor mantém com a obra é afetada pelas relações sociais nas quais está inserido e pela estrutura dos campos sociais e intelectual ao qual é vinculado. Estes funcionam como um



campo magnético composto de sistemas de linhas de força exercendo poder de atração e repulsão. Os campos são microcosmos independentes que interagem entre si nos quais os agentes sociais buscam posicionar-se e ganhar espaço fazendo uso dos seus capitais. “Cada um deles [dos campos] tem seus dominantes e seus dominados, suas lutas pela conservação ou pela subversão, seus mecanismos de reprodução, etc.” (BONNEWITZ, 2003, p. 62).

Sendo assim, os intelectuais bem como suas obras estão inseridos dentro de um campo político-cultural. Entender a formação e constituição desse campo auxilia a entender a elaboração da obra bem como sua capacidade de inserção e aceitação dentro da sociedade. Nesse ponto a História Política auxiliar a entender como Vingt-un Rosado fez uso da Coleção Mossoroense para construir uma memória coletiva para a cidade; memória na qual inseriu o nome de sua família e atribuiu à mesma um lugar de destaque. A produção de uma memória coletiva auxilia na produção de identidade, no caso aqui em questão, da cidade de Mossoró, ou como Vingt-un a nomeava: o “País de Mossoró” cuja nacionalidade era a mossoroense.

Muito de sua imagem de intelectual se deve a sua rede de sociabilidade, composta por outros autores do Rio Grande do Norte como Luís da Câmara Cascudo, Raimundo Brito, Raimundo Nonato, Dorian Jorge Freire. Esta rede pode ser mapeada por meio das cartas recebidas por ele ao longo de toda a sua vida. Em uma delas, lemos uma admoestação dada por Câmara Cascudo a Vingt-un Rosado:

Lembre-se que Mossoró ainda não tem história e que você está na obrigação moral de ser o primeiro mossoroense que levantará do alvido (sic) as tradições de sua grande terra. Vá para deante (sic) e não desanime com as ironias dos pessimistas, espécies de lemas que nem andam nem admitem que outros andem. (CASCUDO *apud* Brito, 1997, p. 74)

Essa missão entregue a Jerônimo Vingt-un Rosado Maia auxiliou na construção de sua imagem local e para conservá-la ou cultivá-la, criou para si um arquivo pessoal composto por cartas enviadas por amigos íntimos e inclusive por instituições, livros e revistas, papéis avulsos, recortes de jornais, fotos de família. Esse tipo de arquivo é fruto da prática de arquivar a própria vida, prática que, segundo Philippe Artières (1998), passamos a vida a exercê-la, selecionando e catalogando constantemente aquilo que desejamos deixar a respeito de nós mesmos. Aquele que se nega a realizar o exercício é visto pela sociedade como um anormal. Deste modo, colecionar a si mesmo traz consigo tanto uma injunção social, pois precisamos de documentos que nos identifiquem, quanto o desejo de criar para si, como foi dito anteriormente, uma auto-imagem.

Para entendermos o exercício de criação de uma coleção de si é necessário pensarmos a respeito da memória e da identidade. A memória algumas vezes tem sido pensada de modo errôneo como sendo sinônimo do passado quando na verdade são distintos. Este, pela sua própria particularidade, não pode ser recuperado por inteiro por meio do exercício de lembrar. A memória ao invés de recuperá-lo, inventa-o de acordo com as questões do presente, uma vez que aquela é acionada pelo tempo presente. Sendo assim, é possível que a memória passe por processo de reelaboração, de recriação de sentidos e significados.

Visando minimizar ou evadir-se desse processo de reelaboração, a memória passa por um exercício de enquadramento realizado por seu guardião. Este, ao tomar para si a função de preservar a memória dos abalos do tempo, cria uma narrativa que será contada de modo a preservar sua estrutura principal e a evitar possíveis mudanças. Esse exercício tanto pode ser feito para conservar a memória de um indivíduo quanto de um grupo. No caso do indivíduo, uma forma de enquadrar sua memória é a construção dos arquivos pessoais, como exploramos acima; no caso de um grupo esse enquadramento pode ser realizado por meio da construção de museus, monumentos, produção de uma história, criação de personagens importantes, estes podem ter suas histórias de vida ligadas de modo intrínseco a história do grupo ou da cidade.

A produção de uma memória comum, segundo Michel Pollak (1989), reforça a coesão social, muitas vezes, por meio da construção da adesão afetiva. Esta cria nos participantes do grupo a sensação de estarem intimamente ligados a ele devido ao fato de compartilharem um passado em comum. Somado a ele, há os pontos de referências que servem de suporte para construção de identidades. Esta construção está relacionada à produção de uma memória comum ou memória coletiva. Para produzi-la e enquadrá-la são escolhidos os guardiões da memória que, de acordo com Angela de Castro Gomes (1996), recebem a tarefa de conservar a memória. E a partir da memória é possível ter elementos que ajudam na produção de identidades.

A produção de uma identidade para Mossoró auxiliava a construir uma fronteira simbólica entre nós e os outros, delimitando não apenas seu espaço geográfico, mas também seu espaço simbólico. Criar para a cidade características peculiares capazes de distingui-la das demais cidades do estado do Rio Grande do Norte. A identidade que Vingt-un Rosado busca criar para Mossoró segue os moldes da constituição da identidade nacional forjada a partir da criação de heróis, marcos referenciais, feriados e festas. De acordo com Stuart Hall (1997), a



narrativa de uma cultura nacional conta-se por meio da construção de uma narrativa da nação, ênfase na origem, invenção de uma tradição, mito fundacional, folclore.

E por meio dessa produção identitária foi possível criar uma comunidade imaginada. De acordo com Benedict Anderson (1993), a comunidade é imaginada porque um membro da mesma não é capaz de conhecer todos os demais membros e mesmo não os conhecendo sente-se pertencente ao mesmo grupo. A ideia de pertencimento é produzida por meio da criação de símbolos, de festas, a construção de um passado em comum. Daí a importância da produção de uma história para o grupo, trabalho feito por Vingt-un Rosado por meio da Coleção Mossoroense, uma vez que a produção de uma narrativa que dê sentido ao grupo auxilia no processo de construção da identidade. E reforça o poder simbólico do grupo que participa da elaboração daquela.

Para Pierre Bourdieu (2010), o poder não se legitima pela força, pela coação; sua aceitação encontra-se em símbolos, no caso de um país no uso de bandeira, hino, festas. O símbolo confere ao poder uma aura de legitimidade dando sentido ao mesmo, representa-o e ao mesmo tempo o reproduz uma vez que a representação tem poder de promover a ação. Sendo assim, para que o poder político da família Rosado seja reconhecido e aceito é preciso que venha revestido de simbologia, por isso, a produção de uma história que legitime o mesmo, produção de uma ligação entre a história da cidade e a história dos Rosados.

A produção dessa história só faz sentido ao grupo porque eles partilham da mesma comunidade de sentido, o que Roger Chartier nomeia como sendo comunidade interpretativa. Participar de uma comunidade interpretativa significa que os participantes compartilham dos mesmos referenciais que dão sentido e permitem o entendimento de ideias, formas de viver e ser no mundo. No caso de Vingt-un Rosado, participar de uma comunidade interpretativa significava em grande medida partilhar das ideias a respeito do que é cultura mossoroense, do que a história de Mossoró.

A ideia de comunidade interpretativa deve ser pensada relacionada à rede de sociabilidade. De acordo com Sirinelli (1996), o historiador ao estudar os intelectuais deve levar em consideração que eles constroem e compartilham sensibilidades com outros intelectuais formando, assim, uma rede de sociabilidade. Esta pode ser formada em torno de gabinetes de leitura, de cafés, de clubes, de revistas, de jornais, de editoras. Frequentar um desses espaços de sociabilidade intelectual e ser aceito pelos membros dele faz parte do protocolo de reconhecimento como homem de saber, como intelectual dentro de certo espaço histórico e temporal. Pois, o intelectual é fruto de sua época e está inserido dentro das discussões existentes nela, seja concordando ou discordando delas.



Segundo Juçara Luzia Leite (2002), a partir da investigação da vida e da análise da produção de um intelectual é possível entender o que uma época pensava a respeito de si, quais as visões de mundo defendidas e as rejeitadas, quais as memórias silenciadas e quais as permitidas e dadas a lembrar. Deste modo, o intelectual deve ser pensando dentro de sua época e inserido nas discussões existentes no momento. Para tanto é interessante que o historiador-pesquisador levante perguntas como: Quais as ideias em voga no período estudado? O que era fazer história nesse período? O que era pesquisar e como se fazia pesquisa histórica? O que era escrita histórica?

De acordo com Gisele Venancio (2003), ao estudar um intelectual é necessário levar em consideração a sua trajetória intelectual e isso significa fazer o exercício de mapeamento dos autores que ele leu e se possível entender como lia e como se apropriava do que lia uma vez que a leitura é uma atividade ativa na qual o leitor pode fazer diversos usos do que lê. A trajetória intelectual também inclui a investigação da formação acadêmica, a participação em cargos administrativos, o exercício político, a forma de intervenção na sociedade, os trabalhos publicados e a recepção destes na sociedade. E quando se analisa a produção intelectual escrita é preciso atentar para a sua materialidade uma vez que a forma na qual o texto é apresentado ao leitor interfere na produção do seu sentido.

No caso de Jerônimo Vingt-un Rosado Maia, uma das portas de acesso à sua trajetória intelectual é investigar o seu arquivo pessoal existente na Fundação Vingt-un Rosado, localizada em Mossoró. O arquivo encontrado na Fundação é composto pela biblioteca pessoal de Vingt-un, fotografias, condecorações, cartas ativas e passivas, fotos. Esse tipo de fonte de pesquisa requer por parte do historiador atenção diferenciada, é importante analisar os tipos de documentos que compõem o arquivo (cartas, fotos, livros, prêmios), mas também a forma como o proprietário organizava o mesmo, pois o que se guarda é fruto, de acordo com Philippe Artières (1998), da seleção e do desejo de construir para si uma auto-imagem, uma imagem representacional de si mesmo que auxilia na elaboração de uma identidade para si, mas também para apresentar aos outros. Uma vez que para Artières, o arquivamento de si é um ato biográfico. E sendo um ato biográfico não é algo neutro e, portanto, o historiador deve evitar o encantamento causado pelos arquivos privados (GOMES, 1998). Esse encantamento sempre é possível, pois, segundo Angela de Castro Gomes (1998), a pesquisa em arquivos privados oferece ao historiador a ilusão de ter acesso de modo “verdadeiro” ao indivíduo pesquisado, por meio de sua correspondência, seus cadernos de anotações, fotos, poderia se “ler” o indivíduo sem as máscaras da vida pública, vê-lo de modo espontâneo (GOMES, 1998, p. 125).

Para fugir a esse encantamento, é preciso ler não apenas o que está escrito no arquivo, também é necessário entender a lógica de organização do arquivo. Ou seja, indagar sobre os motivos que levaram a conservação de certas memórias ao invés de outras. Somado a isso, também é interessante pensar que os arquivos pessoais nem sempre foram organizados pela pessoa que dá nome ao mesmo. Muitas vezes é organizado pelos herdeiros ou por uma equipe que foi contratada para tanto. No caso de Vingt-un, sua biblioteca pessoal foi catalogada por uma equipe de professores e alunos da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) e em resultado a esse trabalho foi publicado um livro intitulado “Catálogo da Biblioteca Particular Vingt-un Rosado” (MENDES *et alli*, 2009). Por isso, ao analisarmos o arquivo existente na Fundação levamos em consideração que a identidade de intelectual portada por Vingt-un não foi construída por ele em um gesto solitário, também recebeu contribuição de outras pessoas. Isso acontece porque a identidade é elaborada dentro de uma relação do “eu” com o “outro”, por isso, o nosso intelectual em questão é entendido como indivíduo que pertence a um grupo específico e traz marcas do mesmo.

No tocante a sua biblioteca privada, é importante pensá-la como um dos protocolos para a composição da identidade de intelectual e para que o mesmo seja reconhecido por seus pares (VENANCIO, 2003). Por meio de sua biblioteca, o intelectual exhibe aos seus pares o que leu e o quanto está a par das discussões sobre os temas de seu interesse. Como fonte de pesquisa, ela permiti analisar o que Vingt-un Rosado lia e como se apropriava do que lia para compor seu pensamento. Isso é possível, pois, de acordo com Venancio, por meio da comparação entre as obras da biblioteca com as citadas nos livros publicados é possível tecer a identificação do leitor com algumas matrizes intelectuais e discursivas. Os livros de sua biblioteca pessoal nos permite ver que era um leitor de temas diversos que iam desde agricultura, seca, economia, antropologia, história geral e local, biografias. Mesmo havendo essa diversidade, é possível perceber a predominância de duas temáticas: seca e história de Mossoró. Essas temáticas possuem relações com dois focos de interesses de Vingt-un Rosado: a história de Mossoró e a agronomia. Dois interesses que ele transformou no que chamou de Batalha pela Cultura de Mossoró, batalha que ele expressou por meio da criação da Coleção Mossoroense, onde publicava livros sobre a história de Mossoró, sobre seca e diversos temas; e na criação da Escola Superior de Agricultura de Mossoró (ESAM).

Na Fundação encontramos um acervo de cartas passivas e ativas ainda por serem catalogados. Dentre as cartas passivas foi possível identificar a existência de cartas endereçadas à pessoa pública de Vingt-un, uma vez que ele ocupou cargos como diretor da ESAM, diretor da Fundação Guimarães Duque e era o organizador da Coleção Mossoroense.



Algumas dessas cartas tinham como objetivo pedir favores como o envio de livros e troca de informações a respeito de pesquisas em andamento. Também havia cartas em tons pessoais sendo estas endereçadas a ele por seus familiares e amigos próximos.

Ainda com relação às cartas passivas, vale destacar que algumas delas foram editadas e publicadas em forma de livros pela Coleção Mossoroense, sendo assim, desprovidas de sua materialidade primeira. Destacamos esse ponto a respeito da materialidade das cartas, pois, segundo Roger Chartier, a forma na qual o texto é apresentado ao leitor interfere no sentido do mesmo. Como as cartas foram publicadas em livros, não há como saber se elas eram escritas, por exemplo, em papel timbrado, se tinham rasuras, se tinham grifos feitos pelo destinatário no ato de leitura da missiva.

Uma carta expressa mais do que o texto que ela contém. Sua materialidade denota a condição de sua redação, a análise de sua trajetória e a identificação de seu(s) destinatário(s) – se individual, institucional ou familiar – permite a compreensão dos mecanismos de sua circulação e a sua presença num arquivo, isto é, o conhecimento dos gestos em prol de sua conservação, deixa entrever os critérios que definiram sua importância. (VENANCIO, 2003, p. 25-6)

De acordo com Sérgio Miceli (2001), as cartas auxiliam ao pesquisador no processo de mapeamento e reconstituição da rede de sociabilidade do destinatário, exercício importante no estudo sobre intelectuais. Uma vez que por meio da investigação da rede de sociabilidade de Vingt-un Rosado podemos entender como o mesmo construiu para si a auto-imagem de intelectual bem como qual lugar ocupava dentro do campo intelectual da cidade de Mossoró. Isso é possível, pois segundo Miceli, as cartas “retêm a marca dos interesses, dos valores e das estratégias dos grupos sociais a que se referem.” (MICELI, 2001, p. 349) Além de mapear a rede de sociabilidade, as missivas ajudam a divisar como as mesmas eram utilizadas. Dentre as cartas passivas publicadas alguns pontos são recorrentes aqui destacamos: agradecimento pelo envio de livros bem como a solicitação destes; pedidos de informações para complementar pesquisas em andamento; parabenizar o amigo pelos prêmios ganhos ou para elogiar seu trabalho incansável.

Como dito anteriormente, algumas cartas foram editadas pela Coleção Mossoroense, isso faz com que as mesmas devam ser analisadas enquanto correspondência que visava comunicar algo ao seu destinatário, em particular; mas, também como um livro de epístolas no qual as mesmas foram devidamente selecionadas e ordenadas para compor livros em homenagem a Vingt-un Rosado em diversos momentos de sua vida, como por exemplo, o

editado em comemoração ao seu aniversário de sessenta anos de vida (MAIA, 1980). Para Sérgio Miceli, esse tipo de livro tem um caráter peculiar:

A edição desses volumes vem contribuir, sem dúvida, para reforçar os laços de solidariedade entre os integrantes de um círculo íntimo de companheiros de classe (no duplo sentido do termo), que teve continuidade mediante experiências comuns na esfera política, intelectual e burocrática, dando origem a 'panelas' e anéis burocráticos. (MICELI, 2001, p. 350)

Do mesmo modo que o livro de missivas, entendemos como homenagem reforçadora de laços de solidariedade os demais livros editados pela Coleção Mossoroense que trazem como tema principal Vingt-un Rosado. Em tais livros podemos ler o exercício de construção do homenageado como intelectual a serviço do processo de modernização da cidade e em defesa da conservação de sua tradição e história. Intelectual ligado às questões culturais da cidade, sempre dedicado ao trabalho e ao crescimento do "País de Mossoró".

Como vimos ao longo do texto, os arquivos pessoais de Jerônimo Vingt-un Rosado Maia oferecem vestígios que auxiliam a produzir para o mesmo a imagem de intelectual, compondo para ele uma imagem diferente da existente para seus irmãos que são pensados como homens políticos. Nesse exercício de construção de si, Vingt-un Rosado soube tecer uma rede de sociabilidades que ajudou na elaboração de sua imagem de intelectual que era reforçada por meio das cartas publicadas em livros e nos constantes elogios recebidos por ele. E nesse exercício de construção de si, Vingt-un também produziu representações a respeito da cidade de Mossoró e de sua família, de modo que para escrever sobre Mossoró é preciso recorrer aos livros escritos por ele e aos livros publicados pela Coleção Mossoroense. Estudar a produção dessas representações e a relação delas com a imagem de intelectual de Vingt-un faz parte de outro momento da pesquisa que não abordaremos aqui, mas em outro momento.

Referências Bibliográficas

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas. Reflexiones sobre el origen y la difusión del nacionalismo**. México: Fondo de Cultura Económica, 1993.

ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. IN: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, nº 21, 1998. p.9-34

BOURDIEU, Pierre. **Campo de poder, campo intelectual**. Itinerario de un concepto. s/l: Montessor, 2002.

_____. **O poder simbólico**. 13. Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

BONNEWITZ, Patrice. **Primeiras lições sobre a sociologia de P. Bourdieu**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

BRITO, Raimundo Soares (org.). **Câmara Cascudo e a Batalha da Cultura**. Mossoró: Fundação Vingt-un Rosado; Coleção Mossoroense, Série C, Volume 941, 1997.

CERTEAU, Michel de. **Operação Historiográfica**. IN: A escrita da História. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007. pp. 65-130

CHARTIER, Roger. **História Cultural: entre práticas e representações**. História Cultural: entre práticas e representações. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1990.

_____. **À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude**. Porto Alegre: Ed. Univesidade/UFRGS, 2002.

FELIPE, José Lacerda A. **A (re)invenção do lugar: os Rosados e os “país de Mossoró”**. João Pessoa, PB: Grafset, 2001.

GOMES, Angela de Castro. A guardiã da memória. IN: **Acervo - Revista do Arquivo Nacional**, Rio de Janeiro, v.9, nº 1/2, jan./dez. 1996. p.17-30

_____. Nas malhas do feitiço: o historiador e os encantos dos arquivos privados. In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, nº. 21, 1998. p.121- 127

HALL, Stuart. **Identidades culturais na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Ed., 1997.

LEITE, Juçara Luzia. **Natureza, Folclore e História: A Obra de Maria Stella de Novaes e a Historiografia Espírito-Santense no século XX**. Tese (Doutorado) – USP/ Programa de Pós-Graduação em História Social, 2002.

MAIA, América Fernandes Rosado (org.). **Vingt-un**. Mossoró: Coleção Mossoroense, Volume CXXIII, 1980.

MENDES, Francisco Fabiano de Freitas; FONTELES NETO, Francisco Linhares; LINS, Lindercy Francisco Tomé de Souza (orgs.). **Catálogo da Biblioteca Particular Vingt-un Rosado**. Mossoró: Fundação Vingt-un Rosado; Coleção Mossoroense, Série C, Volume 1557, 2009.

MICELI, Sérgio. Biografia e cooptação (o estado atual das fontes para a história social e política das elites no Brasil). IN: MICELI, Sérgio (org.). **Intelectuais à brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. pp .345-356

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

POLLAK, Michel. Memória, esquecimento, silêncio. IN: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, pp. 3-15

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (org.). **Por uma História Política**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996. pp.231- 269

VENANCIO, Giselle Martins. **Na trama do arquivo: a trajetória de Oliveira Vianna (1883-1951)**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003. Tese (Doutorado) - UFRJ/Instituto de Filosofia e Ciências Sociais/Programa de Pós Graduação em História Social.

Nota

¹ A Coleção Mossoroense nasce em 1949, a partir de um projeto idealizado por Vingt-un Rosado intitulado Batalha pela Cultura, tal projeto objetivava criar bibliotecas, museus na cidade de modo a ter espaço para discussões em torno da cultura e história local. Ver <http://www.colecaomossoroense.org.br/> visitado no dia 25-04-2011